

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



**William Roslindo Paranhos**  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



**William Roslindo Paranhos**  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## História: espaços, poder, cultura e sociedade 3

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** William Roslindo Paranhos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 3 /  
Organizador William Roslindo Paranhos. – Ponta  
Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0038-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.387222503>

1. História. 2. Sociedade. I. Paranhos, William Roslindo  
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” propõe uma discussão científica, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, em torno da análise de processos históricos da humanidade, por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus onze capítulos. O volume abordará, de maneira categorizada, textos acadêmicos que se caminham através de vários séculos, discutindo dispositivos que serviram, e ainda servem, como reguladores, normatizadores ou, até mesmo, como potencializadores do cenário social.

A riqueza desta publicação consiste, sobretudo, na interdisciplinaridade que, a todo instante, é valorizada nas produções, à começar pela pluralidade de campos do conhecimento que debatem, convergem e divergem acerca de conceitos teóricos e empíricos, pela representatividade de instituições de ensino e pesquisa de renome no país, por conta das diversas abordagens e metodologias utilizadas e, por fim, em virtude de escopos bastantes distintos, mas que buscam, em sua essência, investigar fenômenos sociais bastante próximos.

Por mais que o termo “história” nos leve, teimosamente, a pensar e refletir, tão somente, acerca de acontecimentos do passado, este livro nos convida a aprofundar nossa capacidade dialética e possibilitar que conceitos tidos como ortodoxos se tornem contemporâneos o bastante a fim de instrumentalizarem nossas análises e discussões sobre os tempos modernos. É o exercício de olhar para o passado, considerá-lo e criar, a partir dele, uma analogia com o contexto atual. As pessoas autoras provam que isso é possível, e eu diria, também, necessário.

Outro ponto bastante importante de ser destacado e valorizado neste volume é sua proposta em criar um repositório de conhecimento onde as pessoas que fazem a academia existir e ser o que é, possam realizar buscas, pesquisas, constatações, aproximações, enfim, tudo aquilo que as permita construir o preceito básico, ou ao menos o que deveria ser, de toda sociedade moderna: a construção da consciência crítica.

Deste modo, “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” apresenta uma teoria bem fundamentada acerca de resultados alcançados no processo de pesquisa por pessoas docentes e acadêmicas, que desenvolveram seus trabalhos a fim de contribuir com o avanço das ciências e os quais serão aqui apresentados. Sabemos da importância, cada vez mais urgente, de se valorizar a atividade científica e, por tal razão, é que também destacamos o valoroso da Atena Editora que, por meio de seu renome no campo editorial, é capaz de oferecer uma plataforma consolidada, a fim de que essas pessoas possam expor e divulgar seus trabalhos, conquistando seu merecido reconhecimento.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

SAPATEIRO PERDE PARA A SAPATÃO”: REPRESENTAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA IMPRENSA PARAENSE (1980-1990)

Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225031>

### **CAPÍTULO 2..... 10**

A FIGURA FEMININA NAS PRIMEIRAS RODAS DE SAMBA: UMA PESQUISA SOBRE OS ESTUDOS PRODUZIDOS SOBRE O SAMBA NO SÉCULO XX

Ana Vitória Campos Pompeu e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225032>

### **CAPÍTULO 3..... 19**

OLHARES PARA O OPRIMIDO: VARIAÇÕES DA PINTURA SOCIAL MODERNA NO BRASIL

Luciana de Fátima Marinho Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225033>

### **CAPÍTULO 4..... 29**

O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO DA ARTE PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL

Ismeinem Vieira de Faria Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225034>

### **CAPÍTULO 5..... 43**

CONTRUÇÕES HUMANAS: COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NAS PROSPECTIVAS DAS INTOLERANCIAS PERPETUADAS EM FACE DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS

Elisaura de Fátima Martins Carrijo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225035>

### **CAPÍTULO 6..... 53**

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SUPERAÇÃO DO RACISMO

Sebastião de Assis Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225036>

### **CAPÍTULO 7..... 65**

HETEROGESTÃO E AUTOGESTÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROJETOS SOCIOEDUCACIONAIS DE ALIENAÇÃO *VERSUS* EMANCIPAÇÃO - UMA ÓTICA ANARQUISTA

Luana Aparecida Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225037>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
O MATRIMÔNIO NO <i>FUERO REAL</i> DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Eliezer dos Santos	
Jaime Estevão dos Reis	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038">https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
POR UMA VIDA DEVOTA: <i>FILOTEIA</i> (1609), DE SÃO FRANCISCO DE SALES, NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039">https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA DE 1911	
Sofia Vicente Vagarinho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310">https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
A GUERRA FRIA E OS MOVIMENTOS CIVIS: O MACARTHISMO E O MEDO COMUNISTA	
Augusto Machado Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311">https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>121</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>122</b>

# CAPÍTULO 2

## A FIGURA FEMININA NAS PRIMEIRAS RODAS DE SAMBA: UMA PESQUISA SOBRE OS ESTUDOS PRODUZIDOS SOBRE O SAMBA NO SÉCULO XX

*Data de aceite: 01/02/2022*

*Data de submissão: 07/01/2022*

**Ana Vitória Campos Pompeu e Silva**

Graduanda em História – Universidade  
Estadual de Londrina (UEL)

Londrina – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/1300689083281328>

**RESUMO:** Durante o fim do século XIX e início do XX, um novo ritmo musical se formava em território brasileiro: o samba. Nesse sentido, pretende-se analisar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, o contexto histórico, com o objetivo de compreender as relações de gênero e os respectivos lugares reservados e ocupados pelas mulheres nas rodas de samba das primeiras décadas do século XX. A pesquisa, de natureza historiográfica, foi baseada na leitura e análise de fontes secundárias produzidas por historiadores, antropólogos e etnomusicólogos sobre a cena musical do período. Os resultados mostram que, além da importância da figura feminina afrodescendente nos campos cultural e religioso, ao criar redes de comunicação ou sediar comemorações em datas festivas, a presença da mulher se expandia ao fazer musical: participavam de composições coletivas, cantavam e tocavam instrumentos – por vezes inovando os saberes rítmicos. Portanto, ao interligar questões sociais, culturais e políticas, foi possível questionar lacunas em algumas ideias cristalizadas na historiografia sobre o tema, as

quais poderão ser aprofundadas em pesquisas futuras que contarão com fontes primárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** história; samba; cultura; mulher; gênero.

### WOMEN IN THE SAMBA CIRCLE: A RESEARCH ABOUT THE STUDIES PRODUCED ABOUT SAMBA IN THE 20TH CENTURY

**ABSTRACT:** During the end of the 19<sup>th</sup> century and the beginning of the 20<sup>th</sup> century, a new musical rhythm was formed in Brazil: the samba. In this way, we will intent to analyze, from a bibliographical research, the historical context, with the objective of understanding the gender relations and the respective places reserved and occupied by women in the samba circles of the first decades of 20<sup>th</sup> century. The research has a historiographical nature and was based on the reading and analysis of secondary sources, which was produces by historians, anthropologists and ethnomusicologists, about the musical scene of the period. The results show that, besides the importance of the Afro descendant female figure in the cultural and religious fields, by creating communication networks, or hosting celebrations on festive dates, these women had effective participation in the musical scene: they participated in collective composition, they sang and played instruments – and sometimes innovating rhythmic knowledge. Therefore, by interconnecting social, cultural and political issues, it was possible to question gaps in some ideas crystallized in historiography about the subject, which may be deepened in future

research that will rely on primary sources.

**KEYWORDS:** History; samba; culture; woman; gender.

## 1 | INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho foi produzido como resultado de uma pesquisa bibliográfica, e tem como objetivo compreender o processo de formação do samba no Rio de Janeiro, além de questionar a relação de gênero e o lugar reservado e ocupado pela mulher nesse ritmo em estado então embrionário. Para isso, utilizaremos fontes secundárias, ou seja, estudos e pesquisas feitas por historiadores, antropólogos e etnomusicólogos, cuja temática central é o samba. Nesse sentido, partindo de uma historiografia clássica e atual sobre o tema e, ainda, do pressuposto de que é necessário pensar o contexto de raça, gênero e classe dos sujeitos históricos, buscaremos defender a gestação do samba, no Rio de Janeiro, como fruto de atuações políticas, culturais, econômicas e sociais das mulheres presentes na cena.

O Brasil da segunda metade do século XIX e do início do século XX foi palco de mudanças políticas, econômicas e sociais. Nesse período, houve um deslocamento do eixo econômico do Nordeste para o Sudeste, o qual foi palco de uma crescente modernização e industrialização inspiradas nos moldes e costumes europeus (BARBOSA, 2011). A partir da abolição da escravatura, o fluxo de baianos para o Rio de Janeiro se viu intensificado, formando “uma pequena diáspora baiana para a capital do país” (MOURA, 1995, p. 43). Esse grupo migratório se estabeleceria nas regiões da Saúde e Pedra do Sal, onde as moradias tinham um preço mais acessível. Localizados no cais do porto, os baianos se juntaram aos negros já residentes, e construíram suas vidas pelas redondezas, trabalhando na estiva, vendendo doces, comidas ou se arriscando em outros trabalhos braçais (MOURA, 1995; SILVA, 2009). Nesse sentido, o entorno da Praça Onze contava com uma presença negro-baiana tão dominante, tanto física quanto culturalmente, que a região foi referida por Heitor dos Prazeres e denominada por Roberto Moura de “Pequena África”, termo que ganhou notoriedade e aderência nos estudos.

Entretanto, o processo conhecido como *Bota-Abaixo*, o qual pretendia uma homogeneização cultural da capital brasileira, obriga que muitos moradores dos casebres centrais subissem os morros e ali se estabelecessem em condições precárias. Houve também aquela parte da população que, segundo Roberto Moura (1995), subiu a antiga rua do Sabão, estabelecendo-se nos arredores da Praça Onze, ponto de convergência dos moradores e local de efervescência e sincretismo cultural. Nesse sentido, a “Pequena África” se torna, segundo Mônica Velloso (1990), um espaço de resistência cultural e social, marcado por estratégias cotidianas de sobrevivência contra a “Europa Possível” do projeto de Pereira Passos

Nesse sentido, buscamos discorrer sobre as questões de gênero no samba

embrionário que se formava na região da Pequena África do final do século XIX e início do XX, aprofundando na questão da existência ou não das mulheres neste meio musical. Além disso, buscaremos entender o lugar que lhes era reservado e analisar as exceções às regras. Tendo como base argumentos apresentados por Velloso (1990), Moura (1995) e Gomes (2011), buscaremos traçar a importância dos saberes diversos dessas mulheres e os diferentes locais que elas ocupavam, guiando nosso texto para o questionamento de ideias cristalizadas na historiografia clássica, colocando a mulher baiana como protagonista de nossa pesquisa e, conseqüentemente, na narrativa aqui abordada.

Para isso, utilizamos os artigos “As tias baianas tomam conta do pedaço” (1990) e “Guerreiras do Samba” (2009) para argumentação da centralidade feminina na cultura africana e, principalmente, afro-brasileira. Entretanto, as narrativas inseridas nesses artigos focam na centralidade da figura feminina no campo social e espiritual. Portanto, para a construção do nosso argumento a favor da atuação das mulheres para além dos bastidores do cenário musical, utilizamos, principalmente, os textos “A força feminina no Samba” (2007), “Samba no feminino” (2011) e “Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá” (2013), além de citações de obras reconhecidas – como “Macunaíma” (2020) –, livros bibliográficos – “Tia Carmem” (2009) – e teses que revolucionaram o campo de estudos sobre o samba.

Logo, esta pesquisa une estudos de diversas áreas acadêmicas, a fim de comprovar a tese de que a figura feminina estava presente na cena musical e que, entretanto, foram apagadas pela historiografia escrita sobre esse assunto. Por fim, pensaremos a nossa pesquisa interligando as questões sociais, culturais e políticas do contexto histórico. Assim, buscaremos compreender os interesses dos agentes políticos e da historiografia clássica, apontando e questionando lacunas em ideias cristalizadas na historiografia sobre o tema. Entretanto, temos em mente que a seguinte pesquisa tem um caráter introdutório e, portanto, o aprofundamento poderá ser feito em pesquisas futuras, quando for possível utilizar-se de fontes primárias.

## **2 | A CENTRALIDADE FEMININA NO SOCIAL E CULTURAL**

Como vimos, a zona portuária do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e início do XX se torna um ambiente propício para o desenvolvimento das práticas coletivas e do gênero musical afro-brasileiro que viria a ser o samba (VELLOSO, 1990; MOURA, 1995; GOMES, 2003; THEODORO, 2009). Exploraremos, a seguir, a centralidade feminina nas comunidades afro-brasileiras, apresentando diferentes autores e seus respectivos argumentos.

No âmbito religioso, Helena Theodoro (2009) argumenta a ascensão da mulher como liderança, no Brasil, como consequência das perseguições estatais e extermínio promovido aos líderes religiosos do período colonial. A autora aponta as relações entre as insurgências

negras e as comunidades religiosas de base africana, e recorda as chacinas brutais promovidas pelo Governo às lideranças dos movimentos – majoritariamente masculinas. Dessa forma, para Theodoro, o extermínio de líderes homens deixou lacunas as quais permitiram a ascensão da figura feminina neste meio. Ainda, Theodoro expõe a importância da mulher para as religiões africanas e afro-brasileiras. Nessas comunidades-terreiros, a figura feminina é tida como peça fundamental dos rituais e cultos, uma vez que seus corpos são responsáveis por receberem, incorporarem e espalharem o axé (THEODORO, 2009).

No âmbito familiar, alguns autores, de maneira consensual, argumentam sobre uma matriarcalidade direta advinda como herança cultural de África. Entretanto, autores que se dedicam ao estudo das tradições africanas contra-argumentam, como por exemplo, Rodrigo Gomes (2011, p. 24) que expõe em sua tese de mestrado que a posição social das mulheres, na maioria das etnias da África Negra, é inferior à dos homens, sendo submetidas a eles. Contudo, a fim de achar a *raiz* da centralidade feminina, o pesquisador argumenta a favor de uma escravidão mais branda às mulheres. Para ele, os homens negros sofreram as brutalidades do sistema, enquanto as mulheres se resguardavam nas casas grandes, sofrendo menos violência física.

Entretanto, não incorporamos o argumento de Gomes, uma vez que consideramos que toda forma de violência foi prejudicial, e não minimizaremos as dores sofridas pelas mulheres escravizadas. Nesse sentido, nos parearemos às ideias apresentadas por Mônica Velloso (1990), que argumenta a respeito da influência do período escravocrata sobre a organização da família negra. Para a autora, o sistema escravista foi responsável pela “fragmentação da família africana” (1990, p. 211). A mulher negra seria desvinculada do ciclo reprodutivo dos seus, sendo re-associada ao ciclo das famílias brancas. Assim, segundo Velloso (1990), os filhos gerados seriam associados à mãe negra, e os pais, frequentemente descartados e/ou esquecidos, o que fazia com que a mãe assumisse a responsabilidade de criar seus filhos – por vezes fruto de estupro do próprio senhor.

Nesse sentido, Velloso (1990) e Macedo (2007) argumentam que, após a Abolição, as mulheres passaram a sustentar a si, aos seus filhos e por vezes, os seus parceiros. Isso porque, mesmo que excluídas do mercado formal de trabalho, as mulheres negras tinham, segundo Velloso (1990), mais oportunidades de trabalho do que os homens, os quais competiam com os imigrantes brancos. Nesse sentido, o sustento familiar é entendido por Macedo (2007, p.14) como uma forma de resistência da mulher negra, a qual o conquistava por meio dos trabalhos domésticos, “do biscate e dos tabuleiros de quitutes nas esquinas”. Dessa forma, as mulheres negras conquistaram espaços nas ruas das cidades, construindo e tecendo redes de sociabilidade em volta dos seus tabuleiros. Com isso, a mulher negra ganha um poder maior “em relação aos outros membros do seu grupo” (VELLOSO, 1990, p.218). Essa liderança reflete na centralidade e importância da figura feminina nas famílias afro-brasileiras.

Com o exposto, entendemos que a centralidade da mulher nas culturas afro-

brasileiras é uma soma de fatores históricos. Por isso, reforçamos a importância de interligar os âmbitos cultural, social e econômico a fim de construir uma tese argumentativa englobando os três fatores. A seguir, aprofundaremos nossa narrativa sobre as evidências da atuação feminina na constituição do ritmo embrionário que viria a se tornar o samba, bem como nos espaços ocupados por elas.

### 3 | NOS BASTIDORES DA IMPRENSA: AS TIAS BAIANAS NA CENA MUSICAL

A importância construída em torno da figura feminina e a centralidade exercida por elas também está presente no que Mônica Velloso (1990, p. 213) denomina de “grandes famílias” – famílias construídas para além das relações sanguíneas, levando em conta as questões étnicas e afetivas. Nessas relações, a mulher exerce o papel de preservar saberes e práticas culturais e repassar aos seus filhos e ligados. Devido à importância da mulher nessa construção sócio cultural, suas residências se tornaram locais de encontros religiosos e festivos da cultura afro-brasileira. Como consequência, esse espaço ganha visibilidade entre outros grupos sociais e passa a atrair intelectuais e elementos da classe média carioca. Dessa forma, “através do samba, do Carnaval e da culinária a cultura negra foi ganhando espaços no conjunto da sociedade, fazendo-se aceita” (VELLOSO, 1990, p. 216).

Contudo, Katharina Doring (2019, p. 22) argumenta que “a originalidade e complexidade das matrizes cênico-poético-musicais negras” foram sendo apagadas durante as produções historiográficas, diminuindo a importância da atuação das mulheres nas rodas de samba. Entretanto, a ligação entre a mulher e a cena musical é um fato que precisa ser explorado. Como vimos, a historiografia reduziu o papel da figura feminina, responsabilizando-as pelos cuidados dos espaços e da comida, ao mesmo tempo que reservou o fazer musical para os homens. Portanto, pretendemos apresentar a atuação das mulheres nas rodas de samba como compositoras, cantoras, dançarinas e instrumentistas.

Das tias baianas, Ciata é a que ganha maior destaque na historiografia clássica. Sua casa era ponto de encontro de afrodescendentes, espaço de folia e resistência negra. Isso porque, em meio às constantes perseguições policiais e proibições às expressões culturais negras, Tia Ciata cura, com seus saberes e ervas medicinais, uma ferida do então presidente do Brasil, Wenceslau Brás. Como agradecimento, foi dado um posto privilegiado do baixo escalão no gabinete do chefe de polícia ao marido de Ciata, João Batista da Silva. Com isso, o espaço de Tia Ciata se viu livre das perseguições policiais, edificando-se como um local privilegiado para reuniões e folias festivas entre os afrodescendentes (MOURA, 1995; MACEDO, 2007).

Nesse contexto, surgiu a polêmica em torno da gravação da música *Pelo Telefone*, a qual pode ser considerada o “primeiro samba moderno” (MOURA, 1995, p.117) e, ainda, o primeiro samba gravado (SILVA, 2009, p.64), embora haja controvérsias (MOURA, 1995;

NETO, 2017). A melodia amaxixada havia sido registrada como de autoria de Donga e Mauro de Almeida, nomes conhecidos à sociedade da época. Entretanto, Roberto Moura e Lira Neto, em seus respectivos livros, escrevem sobre as possíveis letras dessa canção em momentos que antecedem à sua gravação. Segundo os pesquisadores, *Pelo Telefone* teria sido criado e (re)cantado em rodas de partideiros, na casa de Tia Ciata, onde todos os presentes improvisavam uma parte da canção. Tratava-se, portanto, de uma criação coletiva. Nesse sentido, o Jornal do Brasil publicou, em 4 de fevereiro de 1917, como canto de página, a seguinte notícia:

[...] Será cantado domingo, na avenida Rio Branco, o *verdadeiro* tango Pelo Telefone, dos inspirados carnavalescos, o imortal João da Mata, o maestro Germano, *a nossa velha amiguinha Ciata* e o inesquecível e bom Hilário [...]. (JORNAL DO BRASIL *apud* MOURA, 1995, p.124, grifo nosso).

Acima, enfatizamos a possível participação de Tia Ciata na composição da música original. Além disso, a própria versão referida faz alusão à participação da baiana nessa etapa de criação. A letra se encontra no livro de Roberto Moura (1995, p.124-125, grifo nosso) e, a seguir, transcreveremos um trecho da paródia:

[...] Leve a mão na consciência, [...]

Mas porque tanta presença,

Meu bem?

Ó que caradura

De dizer nas rodas

Que esse arranjo é teu!

É do bom Hilário

*E da velha Ciata*

Que o Sinhô escreveu. [...]

Portanto, percebemos que a polêmica em torno de *Pelo Telefone* sugere a participação efetiva de Tia Ciata na composição da letra, acusando Donga de roubar para si ao registrar em seu nome. Dessa forma, torna-se possível questionar dois estereótipos presentes no senso comum: o primeiro, que Donga teria escrito a canção; o segundo, que as mulheres não participavam da cena musical.

Outro documento que nos mostra Tia Ciata como alguém presente na cena musical é o clássico livro de Mário de Andrade, *Macunaíma*. Provavelmente Andrade participava dos festejos e celebrações na casa da Tia Ciata (GOMES, 2011), sendo contemporâneo e testemunha ocular dos acontecimentos na residência. Em seu livro, descreve no capítulo VII, denominado *Macumba*, um ritual que ocorre na casa da velha Ciata e conta com a presença do personagem principal.

[...] A macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famanada e *cantadeira ao violão*. [...] Tia

Ciata era uma negra velha com um século no sofrimento, [...] com a cabeleira branca esparramada feito luz em torno da cabeça pequetita [...]. (ANDRADE, 2020, p.67-68, grifo nosso).

A cena de *Macunaíma* relata a chegada do personagem-título à macumba da Tia Ciata. Ao se referir a velha baiana, Andrade demonstra diferentes saberes exercidos por ela. Entre eles, é citado a experiência de Ciata com o violão, demonstrando sua participação musical.

Por mais que o nome de Tia Ciata ganhe maior destaque, outras mulheres contemporâneas a ela participavam das rodas de samba. O estudo de Gisele Macedo (2007) demonstra essas mulheres na cena musical, sendo uma importante base argumentativa. Perciliana, por exemplo, é citada em estudos clássicos como uma figura reduzida a ser mãe de João da Baiana. Esse, por sua vez, ganha notoriedade devido à sua habilidade e inovação para com o pandeiro. Entretanto, o que é pouco explorado é o fato de que “a batida do pandeiro que tanto o diferenciava de outros músicos” (MACEDO, 2007, p.18), era herança de sua mãe, que ensinou aos seus filhos o segredo da batida única e característica. Além de introduzir o pandeiro no samba, Perciliana “também foi a primeira a ser vista raspando a faca no prato” (MACEDO, 2007, p.18). Percebemos, assim, o seu pioneirismo no fazer musical. Entretanto, por silenciamento da sociedade em que Perciliana estava inserida, que exerceu influência sobre estudos posteriores, todo o reconhecimento e fama da arte de manusear o pandeiro e o prato-e-faca foram direcionados a seu filho, João da Baiana, responsável por deslocar tais instrumentos e inseri-los nas rodas públicas.

Amélia do Aragão também é uma figura reduzida na historiografia clássica a apenas mãe do Donga. Entretanto, Tia Amélia, além de sediar festas e reuniões de samba, participava das rodas como cantora. O estudo de Macedo (2007, p. 18), ao expor uma pequena biografia de Amélia, sublinha que ela “gostava de cantar modinhas”. A biografia de Tia Carmen, escrita por sua neta Yara da Silva (2009, p. 64), a fim de introduzir Tia Amélia à narrativa, a descreve como “cantadeira de modinhas, festeira e mãe de santo”. Percebemos que, mais uma vez, a historiografia dominada por uma visão masculina apaga a figura de uma mulher e os seus respectivos saberes, reduzindo-a à mãe de Donga, figura masculina que ganharia destaque nessa mesma historiografia. Por fim, outra mulher importante na quebra de estereótipos foi Maria do Adamastor. Sua participação nos ranchos carnavalescos foi de tamanha, que todos aqueles que se “tornaram tradicionais no histórico da folia[,] tiveram-na como fundadora ou dirigente [...]” (MACEDO, 2007, p. 19). Além de consagrada como “rainha das diretorias de rancho”, Maria do Adamastor assumiu papel de pastora e, ainda, foi destaque como mestre-sala nos desfiles.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o que foi exposto, percebemos a participação feminina na cena musical.

Diferente do que a historiografia clássica propõe e respaldada em pesquisas recentes realizadas por diferentes historiadores, as rodas de samba não eram dominadas por figuras masculinas. Pelo contrário, além de sediarem as folias e participarem dos bastidores das festas, as mulheres e seus respectivos saberes estavam presentes no fazer musical. Como vimos, Tia Ciata, além de ser uma famosa mãe-de-santo, tocava violão e participava das composições musicais. Tia Amélia e Tia Perciliana, geralmente reduzidas ao que a historiografia escrita por homens entende como lugar da mulher – mães de Donga e João da Baiana, respectivamente – ocuparam espaços e exerceram funções para além do que lhes é reservado. A primeira, como cantora de modinhas; a segunda, como responsável por dominar a arte do toque de pandeiro e do prato-e-faca que dera reconhecimento e sucesso ao seu filho. Além delas, outras figuras femininas se mostraram importantes para a quebra de estereótipos reservados à mulher.

Percebemos, portanto, que a historiografia clássica tende a desmerecer a importância das mulheres negras, apagando-as da História. Entretanto, o movimento historiográfico atual, composto por uma participação mais ampla da mulher na pesquisa, além das demandas sociais que as acompanham, tendem a dar voz às figuras historicamente apagadas. A nossa pesquisa é feita a partir dessa perspectiva recente que vem enriquecendo o conhecimento do assunto. Esperamos que novos pontos de vista, contribuições e enfoques possam ajudar a recuperar um outro lado da História, que, por sua vez, possa valorizar a participação das mulheres na música brasileira.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**: O herói sem nenhum caráter. Rio Grande do Sul/Santa Catarina/Paraná: Editora UFFS, 2020.

BARBOSA, Vanessa Maria. O bota-abixo de Pereira Passos: a tentativa de promover uma nova ética urbana no Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 227-242, 2011.

DORING, Katharina. Dona Nicinha de Santo Amaro e Dona Zelita de Saubara: matriarcas negras do Recôncavo Baiano”. In: SANTANNA, Marilda (Org.). **As bambas do samba**. 2ª ed. Salvador: Edufba, 2019. p. 17-49.

GOMES, Tiago de Melo. Para além da casa da Tia Ciata: Outras experiências no universo cultural carioca 1830-1930. **Afro-Ásia**, Universidade Federal da Bahia, n. 29-30, p. 175-198, 2003.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. “Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá”: A atuação de mulheres musicistas na constituição do samba da Pequena África do Rio de Janeiro no início do século XX. *Revista Acadêmica de Música*, n. 28, p. 176-191, jul-dez, 2013.

GOMES, Rodrigo Canto Savelli. **Samba no Feminino**: Transformações das relações de gênero no samba carioca nas três primeiras décadas do século XX. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JOST, Miguel. A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 112-125, dez. 2015.

MACEDO, Gisele. **A força feminina do Samba**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. De Doc. e Inf. Cultural, Divisão e Editoração, 1995.

NETO, Lira. **Uma História do Samba**: as origens. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

PARANHOS, Adalberto. A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e sua afirmação social. **História** [online], v. 22, n. 1, p. 81-113, 2003.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

SILVA, Yara da. **Tia Carmen**: Negra tradição da Praça Onze. Rio de Janeiro: Gramond, 2009.

SIQUEIRA, Magno Bissoli. **Samba e identidade nacional**: Das origens à Era Vargas. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

THEODORO, Helena. Guerreiras do Samba. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.223-236, 2009.

VELLOSO, Monica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, v. 3, n. 6, p. 207-228, 1990.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afro-brasileiro 12

Anarquismo 65, 66, 70, 71, 72, 75, 76, 77

Arte 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 75

Autogestão 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

### C

Casamento 5, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Colonização 43, 49, 50, 84

Comunismo 111, 114, 116, 117, 118

Constituição 14, 17, 49, 50, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117

Cultura 1, 10, 12, 14, 18, 21, 22, 24, 28, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 105

### D

Direitos civis 110, 111, 113, 116, 117, 119

Ditadura militar 1, 104

Diversidade cultural 29, 30, 31, 34, 37, 39, 40, 41, 54, 62

### E

Educação 21, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 104, 105, 112, 117, 118, 121

Ensino 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 78, 89, 101, 104, 105, 116, 117, 121

Escravidão 11, 43

Espaços 1, 13, 14, 17, 41, 56, 104, 112, 113, 117, 118

Expressão de gênero 2

### F

Família 7, 8, 13, 23, 56, 62, 63, 67, 78, 79, 83, 100, 104, 105

### G

Gênero 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 41, 121

Governo 13, 21, 49, 70, 74, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 113, 117

Governo provisório 100, 102, 103

## H

Heterogestão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75

História 1, 1, 7, 9, 10, 12, 17, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 106, 107, 108, 110, 111, 119, 120

Humanidade 8, 35, 43

## I

Idade média 78, 79, 80, 85, 87, 88, 89

Igreja 26, 45, 49, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 94, 97, 101, 104, 105

Imprensa 1, 2, 14, 108

Integração 21, 110, 111

Intolerância 49, 93, 99

## L

Lugar 11, 12, 17, 26, 28, 33, 37, 44, 60, 70, 80, 83, 94, 105

## M

Macarthismo 110, 111, 113, 114, 115, 118, 119

Micro história 1

Movimentos civis 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

Mulher 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 62, 79, 83, 85, 86, 87

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 31, 50, 54, 70, 81, 85

## N

Normatização 78, 85, 89

## P

Poder 1, 3, 13, 33, 45, 51, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 84, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 114, 121

Política 1, 2, 5, 19, 20, 21, 22, 28, 48, 51, 66, 68, 74, 76, 80, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 117

Protagonismo 26, 53, 54, 63

## R

Racismo 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 99

Relações étnico-raciais 53, 54, 57

Religiões 13, 39, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Religiões afro-brasileiras 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52

Representações sociais 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42

República 21, 88, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

## **S**

Samba 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 25

Sociedade 1, 14, 15, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 55, 56, 59, 66, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 105, 111, 113, 116, 117, 118

Supremacia branca 110

## **T**

Teoria queer 1, 8

Territórios 20, 83, 101, 116

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)  
 [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)  
 @arenaeditora  
 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

  
Atena  
Editora  
Ano 2022

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)  
 [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)  
 @arenaeditora  
 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

  
Ano 2022